



Suicídio, desigualdades e migração em Roraima: correlação a partir de um “rosto”

Rosana Maria Luz Fernandes

Mestranda em Sociedade e Fronteiras – UFRR

Eliane Silvia Costa

Doutora em Psicologia – USP

Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima - UFRR

Resumo

O suicídio é um fenômeno que tem sido estudado por diferentes teóricos. Dentre os clássicos se destacam Karl Marx, Émile Durkheim e Sigmund Freud. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil ocupa a 8ª posição no *ranking* de suicídio. Roraima, um dos estados com maior índice de suicídio do país, também apresenta a maior taxa de violência contra mulheres e, desde sua criação, é marcado por processos migratórios. Neste artigo, a partir do referencial teórico-metodológico do materialismo histórico dialético e da psicanálise e recorrendo a um relato de caso clínico (que dá um “rosto” aos conceitos e aos dados estatísticos), estabelecemos como hipótese teórica a correlação entre desigualdades políticas, processos migratórios e o fenômeno do suicídio. Consideramos, pois, a possibilidade da existência de nexos entre fatores macroestruturais, intersubjetivos e intrasubjetivos e o fato de um sujeito procurar a morte como estratégia para enfrentar dilemas vividos.

Palavras-chave violência; intrasubjetivo; intersubjetivo; fatores macroestruturais.

Conhecer: debate entre o público e o privado

2018, Vol. 08, nº 21

ISSN 2238-0426

DOI: 10.32335/2238-0426.2018.8.21.1121

Licença Creative Commons Atribuição

Abstract

Suicide is a phenomenon that has been studied by various theorists. Among the classic authors, Karl Marx, Émile Durkheim, and Sigmund Freud stand out. According to the World Health Organization (WHO), Brazil holds the 8th position in the suicide ranking. Roraima, one of the states with the highest suicide rates in the country, also has the highest rate of violence against women and, since its creation, it is marked by migratory processes. In this article, by having the theoretical-methodological framework of dialectical historical materialism and psychoanalysis as a basis and resorting to a clinical case report (which gives a 'face' to concepts and statistical data), we establish as a theoretical assumption the correlation between political inequalities, migratory processes, and the phenomenon of suicide. Therefore, we think of the possibility of existing links between macro-structural, intersubjective, and intrasubjective factors and the fact that a person seeks death as a strategy to cope with dilemmas that she/he has experienced.

Key words violence; intrasubjective; intersubjective; macro-structural factors.

Introdução

Diante de tantos pudores, pensar na morte é pensar no aspecto inexorável da vida. Como disse Chicó – personagem da peça teatral *Auto da Compadecida*, escrita em 1955 por Ariano Suassuna e adaptado para o cinema em 2000:

Cumpriu sua sentença. Encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre. (AUTO DA COMPADECIDA, 2000)

Se a morte natural, ou não provocada, já é vista como algo estranho, um mal, uma condenação, quando o sujeito decide decretar seu próprio fim, o horror e a perplexidade frequentemente tomam conta de todos. Instauram-se interrogações, buscas por entendimento e, quase sempre, por culpados. O sujeito que se suicidou é posto em xeque, assim como sua família, seus amigos, sua rede de sociabilidade, o que inclui os profissionais, caso estivesse em atendimento psicológico, por exemplo.

Na busca por decifrar o enigma sobre a morte voluntária, as explicações são comumente voltadas ao sujeito e a seus vínculos, isso é, são frequentemente biológicas e psicológicas, poucos são aqueles que, longe de terem uma única causa determinante, consideram não apenas o sujeito, ou seu entorno, mas também fatores macroestruturais e o momento histórico no qual estamos inseridos. Nesse sentido, e na tentativa de

compreender o suicídio de modo amplo e complexo, os dados epidemiológicos do Brasil chamaram a nossa atenção, principalmente os de Roraima, cuja taxa de morte por suicídio, no período de 2011 a 2015, é maior do que a média nacional; trata-se do estado com a maior variação dessa taxa entre os homens e o segundo entre as mulheres e sua capital, Boa Vista, se encontra em primeiro lugar entre as capitais brasileiras.

Vejamos alguns números.

Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2014), a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, por ano, 800 mil pessoas morrem por suicídio em todo o mundo e para cada adulto que se suicida, em média, 20 tentam. Isso representa 1,4% das mortes no mundo e, em 2012, tornou-se a 15ª causa de morte da população em geral e a segunda entre jovens de 15 a 29 anos. Estima-se que até 2020 possa ocorrer um incremento de 50% na incidência anual global de mortes por suicídio. A OMS afirma, ainda, que o Brasil é o 8º país em número absoluto de mortes por essa causa, com 11.821 casos registrados. Entre 2000 e 2012, aumentou 10,4% a quantidade dessas mortes e 30% entre jovens.

Lovisi, Santos, Legay, Abelha e Valencia (2009) citam Boa Vista e Porto Alegre como as capitais do país com maiores taxas de suicídio. Em relação a Boa Vista, os autores inferem que os elevados índices decorrem da alta incidência de mortalidade por essa causa entre indígenas da região; no tocante a Porto Alegre, tal fenômeno advém da alta proporção de idosos. (Lovisi et al., 2009).

De acordo com dados recebidos pela Coordenação Geral de Vigilância em Saúde da Secretaria Estadual de Saúde de Roraima (Sesau), no período de 2010 a 2016 ocorreram 252 óbitos por suicídio no estado; destes, 190 eram homens e 62 eram mulheres. E foram notificadas 768 tentativas de suicídio, sendo 485 mulheres e 283 homens. Portanto, se considerarmos a soma do número de suicídios e de tentativas, o comportamento suicida apresenta predomínio do sexo feminino (53,63% dos casos), o que pode indicar um recorte de gênero.

No tocante aos dados relativos ao comportamento suicida em Roraima, vale destacar, ainda, que entre as faixas etárias também há uma diferenciação, o que pode indicar que determinados grupos etários sejam mais vulneráveis ao fenômeno do suicídio. No período de 2010 a 2016, a maior incidência de óbitos por suicídio ocorreu na faixa etária de 20 a 29 anos (36,11%), seguida por 10 a 19 anos (25%) e 30 a 39 anos (15,48%), enquanto a faixa etária com maior incidência de tentativa de suicídio foi de 10 a 19 anos (33,46%), seguida por 20 a 29 anos (31,38%) e 30 a 39 anos (15,48%). Ou seja, em Roraima, a faixa etária que mais apresenta comportamento suicida vai de 20 a 29 anos. No entanto, também chama a atenção o elevado número de crianças e adolescentes que se mataram ou tentaram no curto período de 6 anos.

Se tantas pessoas se suicidam nesse estado, o que essas mortes nos dizem sobre ele¹? Além do suicídio, há outras características de Roraima e de Boa Vista que chamam a atenção e mostram peculiaridades desse estado e sua capital?

Boa Vista é uma cidade composta por 45,81% de migrantes e o sexo feminino predomina em sua população, sendo o único município do estado com maior população de mulheres (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010). O Estado de Roraima é destino de migrantes de todas as regiões do país, principalmente do Norte e do Nordeste, mas também do exterior. No Censo de 2010 foram registrados 2.727 migrantes internacionais. É importante salientar que o estado faz fronteira com dois países, a República Bolivariana da Venezuela e a República Cooperativista da Guiana, mas os números não são relativos apenas a esses dois países.

Vale (2015) afirma que, em Roraima, as características identitárias vêm sendo assimiladas, hibridizadas e compondo uma nova formação social, a partir dessa teia de pluralidade de culturas. O ato de migrar implica mudar de lugar, de contexto, de redes de sociabilidade e ser inserido em novas relações de poder, que, segundo Bossé (2004), interferem diretamente na identidade. Portanto, o migrante é levado a um processo de resignificação de sua identidade, por meio de identificação com um novo lugar, nem sempre desejada ou permitida. Cardoso de Oliveira (2000) também traz o caráter nem sempre harmonioso de contato entre culturas diferentes, que pode implicar um processo de subjugação de uma pela outra.

No processo de migração há impacto nos vínculos do sujeito, tanto em seu local de origem quanto no local de destino. Trata-se de um fenômeno social que ocorre desde tempos remotos envolve um processo de desenraizamento do local de origem, exigindo maior esforço e novas estratégias para a manutenção dos vínculos afiliativos, bem como a necessidade do estabelecimento de novos vínculos no local de destino, o que ressoa na identidade. De modo semelhante à opressão sofrida pelas mulheres e pelas populações LGBT, negras e indígenas, busca-se atacar justamente o vínculo identitário desses grupos sociais, golpeando o elo da mulher com ela própria, do negro com o próprio negro, e assim sucessivamente.

Roraima também é um estado com altos índices de violência, principalmente contra a mulher e a população LGBT. Em junho de 2017, a Agência Brasil publicou, com base em relatório do Human Rights Watch (HRW), uma matéria nomeando Roraima o estado mais letal para mulheres e meninas no Brasil (Albuquerque, 2017).

O *Atlas da violência 2018* (Cerqueira, 2018) apontou que, em 2016, foram assassinadas 4.645 mulheres no Brasil, bem como salientou que há a tendência de que haja um aumento de 6,4% nessas mortes em 10 anos. Roraima apresentou a maior taxa do país, de 10

¹ Eis a questão que almejamos responder ao final da pesquisa de mestrado em andamento. Neste artigo apresentamos um panorama para problematizar o fenômeno do suicídio em Boa Vista.

homicídios por 100 mil mulheres – bem superior à taxa nacional (4,5). Entre 2006 e 2016, as taxas de Roraima oscilaram bastante, mas sempre foram superiores à taxa nacional, com exceção de 2011, quando se igualou a ela. Entretanto, apresentou picos de 14,8 em 2013 e 11,4 em 2015.

Quanto à violência direcionada à população LGBT, de acordo com o *Relatório 2016: Assassinatos de LGBT no Brasil* (Grupo Gay da Bahia, 2016), a Região Norte apresentou o dobro da média nacional, tendo o Amazonas entre os 4 estados do país com maior incidência em números absolutos e Roraima na liderança do *ranking* em 2014. Vale ressaltar que, segundo esse mesmo relatório, a imprevisibilidade é uma das características dos crimes de ódio, assim como a subnotificação. Logo, é provável que o número de assassinatos seja maior.

Esses dados mostram um estado violento, tanto pela agressão dirigida ao outro quanto pela dirigida a si, como é o caso do suicídio. Também se trata de um estado com alto índice de migração, inserido em um processo histórico de opressão contra a população negra e indígena. Segundo o IBGE (2010), a maioria de sua população é parda e, proporcionalmente, Roraima tem a maior concentração de indígenas do país.

Ainda sobre o suicídio, é preciso salientar a partir de qual referencial teórico ele será analisado: o materialismo histórico dialético e a psicanálise. Também se deve defini-lo. Para Araújo, Vieira e Coutinho (2010), ele diz respeito a um desejo consciente de morrer e a noção clara do que o ato executado pode gerar. Para a ABP (2014), o suicídio é uma agressão autodirigida realizada por meios que o sujeito considera letais. Além disso, é o resultado do comportamento suicida, que também compreende pensamentos, planos e tentativa de suicídio.

Para Moya (2007), o suicídio e a tentativa de suicídio se referem ao desejo e ao ato de buscar a morte, sendo que no primeiro caso a pessoa obtém êxito. Já a ideação suicida consiste em pensamentos, o que inclui a elaboração de planos sobre as circunstâncias nas quais ele poderia ocorrer, ou até que a pessoa imagine os impactos de sua morte voluntária sobre os demais. O autor explicou, ainda, que os episódios de ideação suicida perduram e podem ser agudos ou breves, a depender de fatores psicopatológicos. E Dutra (2001) o definiu como um fenômeno determinado por múltiplos fatores, observado em todas as culturas e sociedades.

O suicídio é um fenômeno complexo e multideterminado, um tema que desperta interesse, não apenas hoje, devido aos números alarmantes – grandes teóricos já se dedicaram a ele, como Durkheim (2011) e Marx (2006), que trouxeram contribuições significativas e inovadoras para um fenômeno que ocorre em todo o mundo e em diversas épocas da história; assim como Freud (1996), ao escrever sobre a melancolia.

Freud (1996) revelou uma compreensão da dimensão intrapsíquica do suicídio ao teorizar sobre o funcionamento do aparelho psíquico, afirmando que a perda do objeto de

amor pode levar o sujeito ao luto ou à melancolia. No primeiro, após a pessoa sofrer pela perda, ocorre a elaboração dela e, com isso, o sujeito consegue investir pulsionalmente em novos objetos; na segunda, essa elaboração não acontece, pois, como a pessoa fica inconscientemente atada à ideia da perda, a falta sobrevive nela sem que tenha conseguido se despedir internamente (e por elaboração) do objeto perdido, ou, ao contrário, ele é vorazmente incorporado. É como se a pessoa tivesse perdido uma parte dela própria. Tal sensação de esvaziamento a impede de fazer novos investimentos em outros objetos de amor ou dificulta que isso aconteça, assim, o investimento se volta sobremaneira para o próprio ego, mas de forma punitiva. Logo, a pessoa passa a ser narcisicamente alvo de ataque sádico, pune-se por se sentir incompleta, não amada, dependente, egoísta, mesquinha, fraca... Ao se atacar, critica a parte de si que está inconsciente e narcisicamente identificada com objeto de amor perdido e vorazmente incorporado, o que redundará em ataque ao objeto. Ainda que conscientemente nem saiba qual seja, com a perda, o objeto também passa inconscientemente a ser odiado. Ao atacá-lo, a pessoa censura a si própria. Em um nó trágico de dor e de regressão psíquica, o ego fica inconscientemente misturado e enredado ao objeto psíquico ambivalentemente amado/odiado.

Para Freud (1996), os estados mentais de um melancólico apresentam um desânimo profundo, desinteresse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, diminuição da autoestima, inibição das atividades, autorrecriação, auto-humilhação e até punição. Nessa concepção, o melancólico tem um superego (estrutura psíquica que representa a cultura na qual está inserido) extremamente severo e punitivo, que recrimina e ameaça o ego com duros castigos (Freud, 1996), levando-o a repetir situações que, do ponto de vista egoico, causam-lhe desprazer, mas que, do ponto de vista superegoico, causam-lhe prazer sádico, um prazer atrelado à pulsão de morte. O suicida, nessa perspectiva, é impulsionado pela pulsão de morte a uma autopunição superegoica de um sujeito melancólico. Segundo Brunhari (2017), ao buscar compreender o suicídio a partir da teoria de Sigmund Freud, esse fenômeno remete ao inominável, mas também é um ato com “um sentido a ser interpretado” – determinado inconscientemente.

Apesar de Sigmund Freud não abordar o tema suicídio, os textos “Além do princípio do prazer” (1920/1996b) e “A dissecação da personalidade psíquica” (1932/1996c), entre outros, dão lastro para a compreensão do comportamento suicida, já que neles, respectivamente, teoriza em detalhe a pulsão de morte e o superego punitivo, conceitos psicanalíticos importantes para a compreensão de que existe e como opera a violência psíquica, no caso, a violência do sujeito contra ele próprio e contra o outro. Em “A dissecação da personalidade psíquica” (1932/1996c), o autor também escreveu sobre o sentimento de inferioridade, quando o sujeito psíquico não consegue responder às exigências do ideal de ego, isto é, quando não corresponde às exigências de ideais estabelecidos pelo outro: pela família, por um grupo social ou pela sociedade. Em outras palavras, esse conceito nos ajuda a entender

possíveis sofrimentos do sujeito em suas relações sociais, proporciona a compreensão de como, sob o ponto de vista psicanalítico, o sujeito pode sentir-se socialmente violentado. Pode-se dizer que, muitas vezes, pulsão de morte excessiva, superego sádico, sentimento de falta de amor e ideal de ego abalado redundam em desejo consciente ou inconsciente de morte.

Quanto à dimensão social, Marx (2006), ao analisar os casos de suicídio descritos por Jacques Peuchet na França no século IX, considerou-os sintoma de uma sociedade adoecida pela competição impiedosa, que isola o indivíduo em meio à multidão. Em sua concepção, o suicídio representa uma resposta ao desespero ocasionado pelas relações de opressão, de dominação. Nos casos analisados se observou a dominação patriarcal e a reificação da mulher na família burguesa. Além disso, para o teórico, o suicídio estaria presente em todas as classes. Marx (2006) citou, ainda, que Peuchet correlacionara os períodos de crise econômica ao aumento do número de casos, ao que atribuiu o caráter de epidemia, aliados ao crescimento do número de casos de prostituição e latrocínio.

Não obstante o significativo número de casos de suicídio, o fenômeno era considerado antinatural no senso comum, o que o teórico questionava, exatamente pela grande incidência de casos. O caráter antinatural atribuído vinha associado às mais diversas formas de censura e recriminação, muitas delas ligadas à Providência Divina, como se fosse errado se matar. Essa proibição era considerada a principal estratégia da sociedade para coibi-lo, entretanto, sem grande eficácia. Para Marx (2006), o suicídio representa um protesto. Nesse sentido, mencionou que a tirania não foi derrubada pela Revolução, mas ela persiste nas famílias e provoca crises análogas; ademais, o suicídio é, dentre muitos outros, sintoma da luta social geral.

Os casos relatados na obra de Marx (2006) foram por ele utilizados como tentativa de buscar uma classificação das diferentes causas do suicídio, que, tanto para ele como para Jacques Peuchet, representam a classificação dos “próprios defeitos de nossa sociedade” (Marx, 2006, p.44). O teórico ainda afirmou que “o suicídio elimina a pior parte da dificuldade, o cadafalso ocupa-se do resto. Somente com uma reforma de nosso sistema geral de agricultura e indústria pode-se esperar por fontes de recurso e por uma verdadeira riqueza” (Marx, 2006, p.50).

Ao incluir o suicídio na categoria de sintoma de uma sociedade adoecida, portanto, como algo que denuncia o que não está bem, deslocou-se o processo de culpabilização do indivíduo para uma análise mais ampla, multideterminada. Por exemplo, analisam-se sentimentos como ciúmes ou atitudes de agressão como representatividade de relações de poder masculino sobre as mulheres. Assim como se inferiu que as relações de poder e os papéis sociais rígidos são determinantes em significativo número de casos. Nesse sentido sinalizou-o como protesto contra os *desígnios inteligíveis*, ou seja, contra dogmas. Logo, contra aquilo que era imposto, reafirmado pela existência de mecanismos que ratificavam a subjugação e a violência.

Durkheim (2011), em “O suicídio: estudo de sociologia”, iniciou sua investigação sobre o fenômeno afirmando a necessidade de conceituação do termo de forma objetiva, pois, segundo ele: “é obrigado a constituir os grupos que deseja estudar, a fim de lhes dar a homogeneidade e a especificidade que lhes são necessárias para poderem ser tratados cientificamente”.

A definição usual de suicídio, “toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima” (Durkheim, 2011, p. 11), para o teórico, mostra-se incompleta, por não explicitar quem seria o sujeito do ato suicida; não exclui os alienados, que, segundo ele, não conseguiriam perceber as consequências de seus atos. Após a análise de algumas variáveis entre os suicidas – como o soldado que se coloca à frente de seu batalhão para protegê-lo, os mártires religiosos ou as mães que se sacrificam pelos filhos, bem como da ponderação de que a intencionalidade do ato, no caso do suicida, é difícil de identificar, o autor chegou à seguinte definição:

Chama-se suicídio todo caso de que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado. A tentativa é o ato assim definido, mas interrompido antes que dele resulte a morte (Durkheim, 2011, p. 14).

Após a definição, considerou que existem aspectos sociais envolvidos, pois em determinada sociedade e em determinado espaço de tempo ocorrem vários suicídios, os quais constatou que não eram apenas um somatório de acontecimentos particulares, mas havia elementos determinantes de natureza social. Observou, também, que o número de suicídios era contemporâneo de alguma crise que afetara a situação social e que, mesmo que ele não ocorresse imediatamente após a crise (o que ele denominou “ruptura do equilíbrio social”), haveria uma correlação direta entre ela e o aumento dos casos, pois as consequências dessa ruptura poderiam levar tempo para emergir. O autor afirmou que “cada sociedade tem, portanto, em cada momento de sua história, uma disposição definida para o suicídio” (Durkheim, 2011, p. 19) e que o fenômeno pode ser verificado pela taxa social, calculada ao dividir o número de mortes por suicídio pelo número total de mortes, em determinada sociedade, em determinado intervalo de tempo.

Karl Marx e Émile Durkheim abordaram o tema sob perspectivas teóricas diferentes, como se sabe: o primeiro tem como fundamento teórico o materialismo histórico e dialético e o segundo o positivismo, mas ambos propuseram uma superação do caráter meramente psicopatológico ou biomédico para uma análise sociológica do fenômeno. Outro ponto em comum é ter como característica central do suicídio a vontade de morrer, ou seja, eles trouxeram outra categoria de análise: o ato volitivo, ou ato voluntário, consciente. No

entanto, para o materialismo histórico dialético, ato voluntário não é submetido unicamente à vontade e à livre escolha individual, mas está condicionado, sempre, a uma base material, isso é, às necessidades humanas concretas, como alimentação e moradia, além do trabalho como meio para satisfazê-las.

Para dar um “rosto” aos conceitos e aos dados estatísticos, trazemos o caso do jovem “Catirão”, codinome escolhido por ele mesmo em referência ao pai, cuja alcunha significa loirão, em português.

Catirão foi atendido por Rosana, uma das autoras deste artigo. Trata-se da história emblemática de um jovem de 19 anos, que havia tentado o suicídio. Sua aparência frágil trazia sobre os ombros uma história de vida permeada por lutas, dentre as quais algumas que representam as pelejas de muitos que vivem em Boa Vista: migrante, filho de migrantes e lésbica (no decorrer da psicoterapia, adotou a identidade de gênero de homem transgênero). Sobre sua história, disse-nos:

A minha mãe é do Maranhão, de um interiorzinho chamado Centro do Rosa, eu só sei porque ela fala disso toda hora. E meu pai é do Ceará, de onde não faço ideia de onde ele é. Ou de onde ele era, né? Eles se conheceram no garimpo na Venezuela. Minha mãe mora na Venezuela há mais de 20 anos. Ela foi lá justamente pro garimpo. Seria mais de 20 anos que ela trabalha no garimpo [...] daí eles se conheceram lá, eu nasci na Venezuela, na Ciudad Bolívar.

Sua história começa com a de seus pais, migrantes. Catirão só sabe de onde sua mãe veio porque ela ainda mantém laço afetivo com sua cidade natal: fala dela a toda hora. No tocante aos laços familiares, sua família nuclear era formada por sua mãe, seu pai (que faleceu quando ele tinha 10 anos), uma irmã, filha apenas do pai, e um irmão, filho apenas da mãe, ambos mais velhos do que Catirão. O irmão morou durante um período com os avôs maternos, depois foi morar com a mãe e, posteriormente, em Boa Vista, com quem passou a morar quando veio para o Brasil. A irmã morou com ele dos 4 aos 10 anos, mas optou por morar com a mãe biológica dela em outro estado após o falecimento do pai. Atualmente, ele mora com o irmão, uma tia materna e o filho dela, com quem conviveu por um ano na Venezuela.

Na Venezuela, país que faz fronteira com Roraima, o garimpo é atrativo para muitos brasileiros, principalmente os nordestinos. A atividade de garimpagem também foi atrativa em Roraima na década de 1980, entretanto, segundo Silva e Oliveira (2016), com o advento da Lei n. 7.805, de 18 de julho de 1989, que extingue o regime individual da atividade de garimpagem e institui a permissão apenas para cooperativas, essa atividade perdeu sua força no estado porque o modo de produção coletivo não foi incorporado por esses trabalhadores.

Uma das figuras centrais de sua história, a mãe, é uma nordestina que migrou para prover o sustento do filho primogênito (o irmão de Catirão) e, de acordo com o relato dele, ainda hoje exerce a profissão de cozinheira, um dos personagens nesse espaço social. Segundo Silva e Oliveira (2016, p. 133):

É figura importante nos garimpos. Ela não está presente em todos os serviços. Uma lavra que tem cozinheira é porque já possui um bom faturamento, não raro ela [a cozinheira] passa a receber garimpeiros em seu barraco vendendo seus “favores” por alguns gramas de ouro.

No senso comum, e tal como fizeram Silva e Oliveira (2016), no tocante às práticas profissionais observadas no garimpo, é recorrente associar o trabalho da cozinheira com o da profissional do sexo. Sobre isso, Catirão nada nos disse. Talvez no caso dela não houvesse nexos, talvez seja um segredo dela, quiçá ele queira que seja um segredo entre nós. Não saberemos. Mas podemos afirmar que o processo migratório da mãe foi impulsionado pela pobreza, pela busca por trabalho para sustentar o filho que havia ficado com os pais. Disse Catirão:

Ela trabalhou em outros lugares antes de ir pro garimpo, trabalhou em pizzaria, aqui. [...] porque ela me falou que já morou no Pará também. Mas essa parte eu não sei. Trabalhou aqui também.

Ela migrou inicialmente para locais mais próximos do Nordeste até chegar a Roraima, sendo que tanto sua vinda para Roraima como a ida para a Venezuela tiveram como incentivo a rede social existente nesses locais. Ela assumiu o papel de provedora, inicialmente do filho mais velho, depois da filha (Catirão) e também contribuiu financeiramente com os demais membros da família. Sobre isso, Catirão mencionou:

Quando ela [a mãe] veio para cá, já tinha uma irmã dela aqui. E ela foi pro garimpo com o irmão dela. Ela conheceu meu pai no garimpo.

Rodrigues, Lima e Araújo (2012) analisam a reconfiguração familiar a partir das migrações contemporâneas transnacionais. As autoras verificaram que a migração não implica necessariamente um rompimento dos vínculos com o local de origem, mas implica um impacto afetivo e social para os migrantes e também para aqueles com os quais

se relacionam em seu local de origem, o que leva a práticas para a manutenção desses vínculos, como o envio de remessas financeiras que assegura a participação no cuidado, como a participação no cotidiano do local de origem, por meio da redefinição de papéis e a construção de redes. De acordo com o entrevistado, o envio de dinheiro foi a principal estratégia que sua mãe encontrou para manter o vínculo. Disse Catirão:

Ela [a mãe] ficava com ele [o filho] até os 4 anos e aí vazou. Porque ela queria dar mais coisas materiais pra ele. Queria poder dar mais coisas melhores para ele. Ela trabalhava e mandava dinheiro pra ele torrar. Meus avós maternos criaram o meu irmão, no Maranhão.

Nota-se que Catirão ressalta o vínculo de sua mãe com o irmão, mas não com ele, e isso será percebido melhor posteriormente. Ele, também migrante, fala de vínculos fragilizados a cada mudança. Quanto aos amigos, afirma ter feito mais aqui no Brasil e atualmente são mais virtuais, entretanto, lembra das brincadeiras na rua quando ainda morava na Venezuela e os contatos que ainda mantém com alguns deles. Os vínculos familiares e de amizade são reconfigurados a cada mudança, mas o vínculo com o local é desvalorizado em uma de suas falas:

Acho que eu me apego bem mais às pessoas que aos lugares, pra mim tanto faz o lugar que estou desde que eu conheça alguém que seja apegado com alguém que esteja lá.

Paradoxalmente, relata uma vinculação afetiva com seu país de origem, pelo qual afirma que morreria, e também com o Brasil, delineando uma das dualidades percebidas em seu relato:

Eu sou venezuelano e eu sou brasileiro também, meio a meio. Acho que se eu morasse na Venezuela ainda há a probabilidade que eu fosse para os protestos e que eu não pensasse duas vezes, em sei lá, em ter que morrer protestando, eu faria isso. Não sei se faria isso pelo Brasil. No Brasil também protestaria, sem correr tanto risco de vida, né?

Catirão teve sua vida impactada pelo processo migratório, desde a migração dos pais, as características do trabalho deles, e ele próprio se tornou migrante. Como ele mesmo descreve:

Eu passei parte da minha infância entre o garimpo e a cidade, com os meus pais, mas eu não lembro muita coisa.

Quanto à convivência com seus pais, relembra que:

O meu pai ficava de 2 a 3 meses no garimpo e minha mãe, depois que comecei a estudar, ficava na cidade comigo [...] quando o pai faleceu, minha mãe começou a ir para o garimpo e me deixava na casa das pessoas. Primeiro foi na casa dos meus padrinhos. Mas eu era muito atentado e eles não aguentaram a minha cara e me mandaram embora.

E em relação à mãe:

Aí, teve uma época que minha mãe foi pra cidade [ele morava com uma amiga da mãe] e eu tinha reprovado em um monte de matéria, na época eu tinha 16 matérias e eu tinha reprovado em 7, daí ela falou assim: “se você reprovar de ano te mando pro Brasil”. Eu não sei que tipo de ameaça foi essa que ela fez [risos]. Aí eu falei: é isso! Aí eu reprovei porque não queria ficar com aquela mulher, aí eu reprovei para vir para o Brasil.

Em seu relato, há várias passagens sobre constantes mudanças de local de moradia, o que nos remete a Gonçalves (1998, 2004). Este autor afirma que a casa humana é sedimentada por objetos carregados de história que ligam as pessoas à sua história e possibilitam seu enraizamento no “mundo de seus ancestrais”, cuja mobilidade extrema inviabiliza, há uma espoliação do passado por meio da espoliação econômica. Talvez por isso se justifique o apego da mãe à antena de televisão, que possibilita assistir aos programas de TV brasileiros, na língua que nunca abandonou, pois ela só fala português, a despeito de compreender o espanhol e morar há mais de 20 anos na Venezuela. Antena esta que pode ser levada para qualquer moradia:

Eu entendia o português e ela entende espanhol. Ela não fala, e meu pai também só falava português. Mas ele ainda falava em espanhol um pouco melhor que minha mãe. Mas dentro de casa, era só português. Novela brasileira, Faustão [risos] essas coisas Rede Globo. Que minha mãe tinha uma antena lá, não vive sem essa antena. [...] Quando a mãe vinha do garimpo para a Ciudad Bolívar [Catirão morava com amigos da família], ela era assistindo TV na sala, aí poucas vezes a gente interagia.

Aí se eu tivesse nota ruim na escola, ela me batia. Aí ela me dava o dinheiro, ia embora, voltava e aí era isso.

Mais uma vez se nota ressentimento de Catirão em relação à sua mãe. Em alguns aspectos, a migração representou uma violência na vida dele, seja pelo esgarçamento dos vínculos com pessoas significativas, lugares e até sua herança histórica, como também o colocou em um lugar de dualidade, entre dois países, entre vida na cidade e no garimpo, entre morar com a família ou com amigos da família, entre querer aproximação da mãe ou distanciamento dela. Além dessas dualidades há outra: a afirmação de sua identidade de gênero, a qual tem um impacto ainda mais significativo e violento, pois acentua a humilhação social sofrida por ser pobre e migrante. Ser transexual também o impele a uma vivência de dualidade, por ter sua identidade constantemente negada por pessoas próximas. Isso o torna alvo de violência verbal e potencializa o medo de agressão física. Sobre isso, relatou:

Durante minha infância teve isso de eu me identificar bem mais com meninos, com brincadeiras de menino. Com tudo de eu querer ser um menino mesmo. Querer andar sem camisa na rua porque via os meninos fazendo isso. De eu ir dormir triste, pedindo para qualquer coisa que existisse superior pra que eu acordasse menino.

Acrescentou:

Quando me mudei pro Brasil, a gente [ele e a mãe] ficou mais distante ainda, a gente já tava distante, aí ficou mais distante, e quando eu comecei a me comportar do jeito que ela não queria, não era do jeito que ela planejou que eu fosse me comportar pro resto da minha vida, aí a gente começou a brigar muito.

E disse-nos, ainda:

Mudanças... As principais mudanças... acho que percebi que sou uma pessoa muito triste. E que eu prefiro ficar sozinho, mas também não. E também passei por mudanças minhas mesmo, pois eu primeiro pensei que era homossexual, aí eu vi que não sou. Que na verdade eu sou transexual. A minha própria identidade mesmo. O jeito como me apresento para as pessoas. Meu jeito de agir. [Aliás,] ela queria que eu fosse igual a ela. Ela acha cabelo [crespo] assim feio. E também porque ela disse que eu estava parecendo um menino, ela disse que eu queria

virar um macho quando cortei o cabelo. Aí ela odiou. Aí, quando comecei a usar roupas masculinas, ela odiou mais ainda. Aí, essa é uma briga que tenho com ela até hoje. Mesmo depois de ter me assumido homem trans ela não... Não entra na cabeça dela, ela diz que eu sou, gritando no meio da casa, até quando tem visita, fica dizendo que eu sou uma sapatão, essas coisas. Fala um monte de baixaria que eu não vou mencionar aqui. Muita baixaria.

Não é apenas a mãe que ataca sua identidade de gênero, de homem trans:

A minha tia que mora comigo já disse que não posso ser trans porque só pode duvidar do gênero quem nasceu hermafrodita, ela falou esse tipo de coisa. E o meu primo, filho dela, falou pro meu outro primo de 5 anos que eu não sou menino nem nunca vou ser porque eu tenho negócio de menina. Isso é coisa que obviamente ela falou para ele, porque uma criança não vai tirar isso da cabeça.

É importante ressaltar que Catirão assumiu sua identidade de homem trans há pouco menos de 2 anos, após sua última tentativa de suicídio. Ao ser questionado como se sente enquanto homem trans, diz:

Sobre ser trans, sobre ser desconfortável viver no meu próprio corpo. Sobre a minha família não gosto da maioria e sinto que eles também não gostam de mim. E sobre o Brasil, “Lula livre”, e sobre a Venezuela, “Fora Maduro”. Acho que os dois países têm que mudar muito, em questão de direitos dos LGBTs, têm que melhorar muito. O Brasil principalmente, porque o Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo. Eu tenho medo de sair às vezes aqui em Roraima, porque tenho medo de apanhar na rua. E mesmo que eu queira muito morrer, não quero que uma pessoa me mate. Uma pessoa homofóbica, preconceituosa não ia ser legal, não ia ser uma morte legal. Se for morrer, eu mesmo tenho que fazer isso.

Como consequência diante da violência sofrida, pela desigualdade de gênero, mas também de raça (quando a mãe o recrimina pelo cabelo crespo, que o filho insiste em manter enquanto a mãe alisa o seu), cria uma imagem de si como “perdedor” e tem vontade de morrer, sentimentos que se retroalimentam, além da falta de esperança no futuro, da falta de confiança nas pessoas. Isso se torna uma angústia:

Acho que, a princípio, foi uma coisa boa saber quem eu sou, mas quando o tempo foi passando não mudou muita coisa dentro de mim, não mudou nada, que não presta pra nada e não tem coragem para mudar. [...] Eu não gosto de mim mesmo, nunca gostei, na verdade talvez eu já tenha gostado em algum momento, mas a minha memória também não é muito boa. Desde que eu lembro, há muito tempo eu não gosto de mim, e porque eu acho e eu sei que eu não presto pra fazer quase nada. Útil, então, eu não sei fazer nada útil. Pra que ficar ocupando espaço, “enchendo o saco” das pessoas? É morrer. Acho que as pessoas pensam demais em não morrer, como se fosse uma coisa ruim. Não é uma coisa ruim, se eu quero morrer, eu morro e pronto.

E ele insiste em se maltratar:

Hoje eu sou, se eu for me definir é... Eu sou perdedor [risos]. Muita gente discordaria disso, mas não acho que ganhei em nada que tentei na minha vida. Perdi nos esportes, tentei me matar e não consegui várias vezes, não consegui terminar o Ensino Médio e até hoje não consegui superar a depressão e a vontade de me matar. São as quatro coisas que sempre estiveram presentes em minha vida e mais fortes. E também não consegui me dar bem com a minha mãe. Minha relação em casa é horrível. Sinto que minha tia me odeia.

O caso de Catirão exemplifica de modo claro como o fenômeno do suicídio extrapola a esfera intrapsíquica e intersubjetiva, ao mesmo tempo que as reafirmam ao demonstrar o sentimento de melancolia pela perda do objeto de amor materno e pela inferioridade relatada por ele ao não corresponder às exigências de ideais socialmente estabelecidas e também apreciadas pela mãe, seja em relação à temática de gênero, seja em relação à raça, bem como na humilhação social, gerada pela desigualdade política e econômica vivida por toda a família.

Catirão é um sobrevivente de sua própria angústia e desesperança, mas também de toda a violência sofrida pela sua condição de migrante e homem trans. Sua sobrevivência ainda se mostra incerta, como se percebe em suas falas de auto depreciação, mas se dá graças à ambivalência quanto ao desejo de morte e a uma pequena e frágil rede de vinculação afiliativa que o enlaça à sua vida.

Sobre essa frágil rede, e em uma tentativa de elaborar hipóteses sobre o por que de um número tão elevado de pessoas que buscam a morte voluntária em Roraima, pode-se dizer que os processos de migração, tão característicos do estado, associados à violência de gênero, tenham correlação com o fenômeno do suicídio. As redes de vínculo são frágeis, pelo menos essas mencionadas por Catirão. Ademais, não se pode desconsiderar que a

migração é uma tentativa de suturar outra violência, a de classe, já que comumente migram aqueles que, em maior ou menor grau, estão despossuídos de bens materiais. Pessoas obrigadas a se ocupar demasiadamente em sobreviver, porque a vida é desigual e violenta, nem sempre elas têm tempo para descobrir que amam, para olhar o rosto do outro com apreço, para enxergar igualdade no outro com carinho – porque a vida é dura. Talvez a mãe de Catirão seja assim: uma pessoa obrigada a tentar sobreviver, a ter de migrar para manter uma vida minimamente vivida.

Segundo Achontegui (2002), a migração implica custos emocionais, desprendidos para a elaboração de estratégias de reconfiguração familiar para a manutenção do vínculo, mas também para o estabelecimento de novos vínculos no local de destino, ou seja, a vivência de território é impactada. Catirão e sua família vivenciaram e ainda vivenciam esses custos, muitas vezes relatados como o distanciamento da mãe e as dificuldades para fazer novos amigos e manter os antigos, recorrendo às redes sociais virtuais como sua principal estratégia de estabelecimento de vínculos.

Truzzi (2008) afirma que as redes formadas por laços interpessoais entre migrantes, migrantes anteriores e não migrantes diminuem o custo psicológico e econômico do ato de migrar, aliás, tais redes influenciam não apenas o processo de adaptação, mas a própria decisão de migrar. É por meio delas que as informações são transmitidas, indo desde o lugar de destino até a modulação de comportamento. Mas também é a rede que valoriza os recursos individuais de seus componentes.

A mãe de Catirão migrou a partir de sua rede de laços interpessoais, assim como se inseriu nos novos territórios a partir deles e utilizou-a para viabilizar sua atividade laboral ao deixar a filha na casa de conhecidos. Já para nosso protagonista, a decisão de migrar foi imposta pela mãe e as dificuldades de adaptação ao novo território foram agravadas pela barreira da língua, pois ao chegar ao Brasil ele falava com muito sotaque e trocava algumas palavras por termos em espanhol, o que o levava a ser motivo de piadas por parte dos colegas de escola. Aliada à barreira da língua e às diferenças culturais, a identidade de gênero causou, e ainda causa, restrições em sua inserção no território, sua vinculação a grupos e a negação do vínculo por parte de sua mãe.

Nem sempre o local de destino respeita as diferenças e compreende a complementaridade de competências daquele chega, do estrangeiro. Muitas vezes, o migrante não é valorizado, muito pelo contrário, ele é discriminado e indesejado. É percebido em posição de subalternidade, como uma pessoa desigual e inferior. A desigualdade, de acordo com Gonçalves (2004), é um fato histórico determinado por contingências demográficas ou econômicas alicerçadas na crença do mando de uns sobre outros. Para esse autor, toda *desigualdade social* é, essencialmente, uma *desigualdade política*. Costa (2017) descreve que são três as modalidades de desigualdade: de classe; de raça; e de gênero – todas baseadas em ideias e atitudes que implicam a crença na superioridade de

determinado grupo populacional em detrimento de outro, como o classismo, que se baseia na crença de uma classe sobre a outra, o racismo, de uma raça sobre a outra, e o sexismo, de um gênero sobre o outro.

Um dos principais efeitos da desigualdade política é a humilhação social, definida por Gonçalves (2004) como um fenômeno histórico no qual uma classe inteira de pessoas não tem o direito de ser visto ou ouvido, é invisível no âmbito intersubjetivo. Com impacto intrapsíquico, essa humilhação social também é considerada uma modalidade de angústia. Como descreve o autor:

A humilhação crônica, longamente sofrida pelos pobres e seus ancestrais, é efeito da desigualdade política, indica a exclusão recorrente de uma classe inteira de homens para fora do âmbito intersubjetivo da iniciativa e da palavra. Mas é também de dentro que, no humilhado, a humilhação vem atacar. A humilhação vale como uma modalidade de angústia e, nesta medida, assume internamente – como um impulso mórbido – o corpo, o gesto, a imaginação e a voz do humilhado (Gonçalves, 1998, p. 15).

Essas pessoas invisíveis, migrantes ou não, fazem parte de um território, estabelecem vínculos, relações, pertencem a ele, mesmo que de modo precário. Constroem ou reformulam suas identidades, adoecem e reagem à forma como são percebidas. Vivem as frustrações potencializadas pela subalternidade, não correspondem prontamente ao seu ideal de ego e adoecem, pela angústia, potencializando, assim, o risco de suicídio.

O ataque aos vínculos, seja pelo suicídio ou pela tentativa de suicídio, decorrente da migração ou das desigualdades sociais, produz sintomas que, pelo elevado número de casos no estado, demandam ações do poder público. Para Benghozi (2010), o processo de reconstituição vincular requer a formação do vínculo rede, definido como possibilidade de vinculação com elementos heterogêneos, com arranjos de instituições, como uma rede multidisciplinar para atendimento desse sintoma produzido.

Entretanto, não se trata apenas formar rede com diversos atores, mas prepará-los para o atendimento às diferenças, sejam elas culturais, de gênero ou sociais. Como observou Achontegui (2002), psiquiatra do Hospital Saint Pere Claver, em Barcelona, na incidência elevada de depressão entre migrantes ocasionada pelo processo de adaptação complexo, potencializado pelas relevantes diferenças culturais, o atendimento não poderia deixar de considerar tais especificidades. Mais do que isso, ou junto com isso, podemos considerar que é preciso repensar a sociedade e a forma como cada sujeito é inserido em seu território, como gerar o sentimento de pertença em cada um, para que a própria morte não se torne a única alternativa.

Referências bibliográficas

- Achontegui, J. (2002). La depresión em los migrantes. Una perspectiva transcultural. Barcelona, España: Mayo.
- Albuquerque, F. (2017, 21 de junho). Roraima é o estado com mais violência doméstica contra a mulher, aponta ONG. Recuperado de <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-06/roraima-e-o-estado-com-mais-violencia-domestica-contramulher>
- Araújo, L. C., Vieira, K. F. L., & Coutinho, M. P. L. (2010). Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do Ensino Médio. *Psico-USF*, 15(1), 47-57.
- Arraes, G. (Diretor). (2000). Auto da Compadecida. Brasil [DVD vídeo]. Globo Filmes.
- Associação Brasileira de Psiquiatria. (2014). Suicídio: informando para prevenir. Brasília, DF: CFM/ABP.
- Benghozi, P. (2010). Malhagem, filiação e afiliação. *Psicanálise dos vínculos: casal, família, grupo, instituição e campo social*. São Paulo, SP: Vetor.
- Bossé, M. L. As questões de identidade em Geografia Cultural: algumas concepções contemporâneas. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- Brunhari, M. V. (2017). Suicídio: um enigma para a psicanálise. Curitiba, PR: Juruá.
- Cerqueira, D. (Org.). (2018). Atlas da violência 2018. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
- Costa, E. S. (2017). Clínica-escola: uma clínica do real. In L. R. Neves, & C. E. Ramos (Orgs.), *Psicologia: relatos e experiências* (pp. 39-59). Boa Vista, RR: Ed. UFRR.
- Durkheim, É. (2011). O suicídio: um estudo sociológico. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Dutra, E. M. S. (2001). Depressão e suicídio em crianças e adolescentes. *Mudanças*, 9(15), 27-35.
- Freud, S. (1996). Luto e melancolia. In Autor, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 245-263). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1996). “Além do princípio do prazer”. In Autor, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 17-75). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1996). “A dissecação da personalidade psíquica”. In Autor, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 63-84) Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Gonçalves, J. M., Filho. (1998). Humilhação: um problema político em psicologia. *Psicologia USP*, 9(2), 11-67.
- Gonçalves, J. M., Filho. (2004). A invisibilidade pública. In F. B. Costa, *Homens invisíveis* (pp. x-y). São Paulo, SP: Globo.

-
- Grupo Gay da Bahia. (2016). Relatório 2016: assassinatos de LGBT no Brasil. Recuperado de <http://bancariospa.org.br/wp3/wp-content/uploads/2017/01/relatc3b3rio-20162.pdf>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Censo 2010. Recuperado de <https://censo2010.ibge.gov.br/>
- Lovisi, G. M., Santos, S. A., Legay, L., Abelha, L., & Valencia, E. (2009). Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31(Supl. 2), S86-S94.
- Marx, K. (2006). Sobre o suicídio. São Paulo, SP: Boitempo.
- Moya, J. (2007). La conducta suicida en adolescentes: sus implicaciones en el ámbito de justicia juvenil. Recuperado de <http://www.osacat.cat/cat/Publicacion/Depressio/ConductaSuicida.pdf>.
- Oliveira, R. C. de. Os (des) caminhos da Identidade, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 15 n 42 – fevereiro de 2000.
- Rodrigues, F. S., Lima, A. K. S., & Araújo, K. A. (2012). Migrações contemporâneas: uma análise da produção científica sobre a família no contexto transnacional. *Somanlu*, 12(2).
- Silva, C. M. L., & Oliveira, R. G. (2016). Vida garimpeira: garimpo de Roraima – Década de 80. In J. G. Vieira (Org.), *O Rio Branco se enche de história* (2a ed., pp. 117-148). Boa Vista, RR: Ed. UFRR.
- Truzzi, O. (2008). Redes em processo migratório. *Tempo Social*, 20(1), 199-218.
- Vale, A. L. F. (2015). Características da migração em Roraima. In A. L. F. Vale, & H. E. A. Santos (Orgs.), *Seminário Internacional de Economia Amazônica e Desenvolvimento Sustentável* (pp. 13-49) Boa Vista, RR: Ed. UFRR.